

A person wearing a bright blue jacket and dark pants stands on a dark, rocky shore. Their arms are outstretched horizontally. They are looking up at a massive, powerful waterfall that cascades down the entire frame. The water is white and turbulent, creating a dramatic and awe-inspiring scene. The sky is overcast and grey, blending into the mist of the waterfall.

PREENCHENDO
O VAZIO
DA ALMA

J O R G E N O D A

1ª Edição: Outubro de 1998.

2.000 exemplares

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, sem autorização por escrito dos editores, exceto citações em resenhas.

Edição:

Editora Os Puritanos

Fone/Fax: (011)6957-3148

Impressão:

Facioli Gráfica e Editora Ltda

Rua Canguaretama, 181 - São Paulo - SP

Fone/Fax: (011)6957-5111

Perfil do Autor

Jorge Noda é Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico do Betel Brasileiro e Escola Superior de Teologia, tem Estudos avançados em Teologia pelo Reformed Theological Seminary (Jackson, MS, EUA), Liderança Avançada pelo Instituto Haggai (Hawaii, EUA), Pós-graduação em Pedagogia Empresarial e é doutorando em Teologia pelo Centro de Pós-graduação do Betel Brasileiro. Professor do EAD no Seminário Teológico do Betel Brasileiro. Pastor da Igreja Cristã da Aliança em Campina Grande. Também é editor chefe da Editora Visão Cristã e conferencista.

Instagram: @prjorgenoda

Sumário

Ser humano, fruto do acaso ?.....	6
Até onde nos leva a ciência?	6
O fascínio do misticismo	7
Fugindo do vazio.....	10
Por uma boa causa.....	11
Religião ou fanatismo?.....	12
Sintomas do Vazio.....	13
Depressão.....	13
Medo.....	14
Solidão.....	15
Preenchendo o vazio da alma	16
Jesus, o rejeitado	17
Jesus, o incompreendido	18
O Jesus real	18
Jesus, o indispensável	19
Jesus e o problema humano	21
Culpa ou sentimento de culpa?	22
Transpondo o abismo para uma nova vida.....	24

Preenchendo o Vazio da Alma

A cada instante pessoas consideradas estáveis e bem-sucedidas confessam o vazio que sentem em seu interior. Trata-se de uma sensação de ausência, a falta de algo difícil de se descrever ou explicar. Quando tentam identificar o que está provocando aquela desagradável e inquietante sensação, só sabem responder o que não é. Não é falta de dinheiro, ou romance, ou sucesso, ou prazer. Tudo isso parece secundário diante desse abismo sentido no fundo da alma, dessa incógnita insuportável que se recusa a se revelar. Às vezes, esse sentimento de vazio se aguça e tudo ao redor parece perder o sentido. O céu estrelado perde o seu fascínio, as flores o seu perfume, a comida o seu sabor. Os relacionamentos parecem tão vazios quanto o vazio do coração e as amizades e amores transformam-se em difusas experiências sem significado algum. O dito "Lar Doce Lar" é substituído por "Vazio Amargo Vazio". O trabalho, antes tão empolgante e recompensador, transmuta-se na rotina de um círculo sem fim.

Alguém pode questionar esse sentimento lúgubre e despejar lugares comuns como "Pense Positivo", "A Esperança é a Última que Morre", "Viva bem" e coisas desse tipo. Na verdade, a profusão de alternativas e respostas prontas é um sintoma claro desse problema cada vez mais comum entre todos os tipos de pessoas. Existe algo capaz de preencher esse vácuo existencial?

Ser humano, fruto do acaso?

Os pensadores mais "realistas" tentam nos convencer que essa busca por significado é fútil. Resta-nos aprender a conviver com o fato de que tudo é fruto do acaso. Não existe alguém lá. Não existe um sentido para a história. Inclusive o homem, apesar de todos os seus sonhos de grandeza, não passa de uma parte insignificante dessa bagunça cósmica. Se o homem é produto do acaso e o mundo em que vive também o é, a sensação de vazio não passa de uma percepção fortuita e sem significado. Um processo impessoal e casual trouxe o homem até este estágio. Mas ele poderia ser completamente diferente. Talvez nunca teria existido um *homo sapiens*, mas simples símios irracionais ou até mesmo vida alguma. O tempo adicionado ao acaso só poderia produzir o absurdo.

Até onde nos leva a ciência?

Apesar de louvarmos tão ardentemente a ciência, nenhum de nós consegue viver de maneira completamente coerente com uma visão "científica" da vida. Uma parte substancial daquilo que experimentamos como vida, coisas como amor, alegria ou esperança, não cabem dentro da lâmina de um microscópio, nem na lente de um telescópio e muito menos conseguem reagir com substâncias químicas. O padrão de medida é menor do que o que precisa ser medido. Os parâmetros científicos, tão úteis e eficientes dentro de suas esferas, são simplesmente inadequados quanto se trata de responder às perguntas cruciais que o *homo sapiens* tem feito há milênios. E, a despeito de tanto progresso científico e tecnológico, precisamos reconhecer que estamos muito longe da solução dos problemas mais básicos da vida humana. Ódio, preconceito, exploração do próximo, violência urbana, corrupção moral, têm encontrado nas descobertas científicas meios mais eficientes

e poderosos de alastrar sua destruição. Átila, o huno, está mais bem armado.

A ciência moderna descortina diante dos nossos olhos um micro e um macrocosmos fascinantes. O universo é mais belo, mais complexo, mais exuberante do que imaginávamos. Desde as invisíveis, mas poderosas estruturas subatômicas, até as imensas configurações galácticas, medidas em seus anos luz, o que descobrimos é a nossa pequenez, fragilidade e insignificância. O que estamos fazendo aqui, no meio dessa profusão de seres, substâncias, cores e fenômenos? Porventura, mesmo diante do mistério incrível de uma flor com suas formas, textura e perfume, temos que abrir mão do sentimento e dizer que tudo não passa de um acidente? Tudo o que ocorreu no passado foi uma série interminável de acidentes que continuam no presente e caminham para o incógnito e distante futuro? Inclusive esse vazio, esse desejo de algo mais, não passa de uma indecifrável cadeia de reações químicas? Sendo assim o que nos resta é a resignação.

O fato é que nem mesmo o ateu mais convicto consegue viver com essa filosofia de vida. Daí o motivo por que uma geração está dando costas à razão e à ciência, em busca de algo mais.

O fascínio do misticismo

O ressurgimento do misticismo seja nas suas formas mais grotescas, seja nas suas expressões mais sofisticadas, tem demonstrado a fome das pessoas por algo mais. A crença em duendes, na energia dos cristais, na recitação de mantras, na adoção de gurus, na busca pela mediunidade, na leitura dos antigos livros sagrados, na consulta aos guias, astros e cartas, são confissões de uma necessidade, a necessidade de algo capaz de imprimir sentido no que fazemos e no que sonhamos. É insuportável pensar que a

vida, a verdadeira vida, é despida de propósito, e que tudo o que fazemos aqui são poemas lidos por ninguém, escritos na praia antes da maré cheia. É atraente acreditar no que dizem os místicos. Somos deuses. Somos um com o cosmos. A energia que sustenta e permeia o universo é a mesma que anima a nossa consciência e nos leva em viagens místicas mais agradáveis e alucinantes do que aquelas que as drogas podem proporcionar. A unidade com essa diversidade de plantas, animais, estrelas e oceanos nos faz sentir parte de uma sinfonia sem fim de harmonia e beleza. O ciclo das reencarnações atenua e dilui o desespero de se viver apenas uma vida. Explica o porquê do sofrimento e do que fazemos aqui. Há muitas vidas em muitos mundos para serem vividas na busca da perfeição cósmica, na união absoluta com o Um. A resposta do misticismo para o vazio da alma é simples: o vazio é uma ilusão. Tudo está cheio e pleno de vida, de energia, de Deus! Basta descobrirmos isso.

Poucos, entretanto, pensam nas implicações dessa mistura e combinação de filosofias orientais. Segundo uma boa parte do misticismo oriental, o fim das reencarnações significa o fim da individualidade, a cessação da existência. Não existirá alguém para se chamar eu. O único eu que existe é o Um, a energia cósmica, que nem de "eu" pode ser chamado porque não é uma pessoa e sim energia. Isso é a felicidade? A fusão da nossa individualidade num oceano de impessoalidade? Como pode haver felicidade se não existe alguém para senti-la, experimentá-la? Alguém disse que orientação significa saber onde o oriente está. Mas a resposta oriental parece não atingir os anseios mais profundos da vida. A alma humana revolta-se contra a ideia de extinção ou fusão, ela quer imortalidade, ela que ser ela para sempre. Existir só tem sentido quando alguém está consciente que existe. Daí a diferença entre uma pedra e um homem.

Outras filosofias orientais ensinam a conservação da personalidade e a comunhão com Deus ou deuses no céu. Entretanto, não garantem ser esse o fim da história. Para o oriental o tempo é uma ilusão e a história não é como um livro com começo e fim. Tudo é envolvido por um ciclo sem fim. Enquanto a perspectiva ocidental ilustra a história como uma linha, a oriental utiliza um círculo. Em outras palavras, não existe segurança do que o futuro reserva para nós.

A doutrina da reencarnação, tão popularizada no ocidente através de novelas, filmes, desenhos animados e documentários, parece ser uma explicação convincente para muitos mistérios da vida. Mas, quando mais bem examinada, acaba suscitando mais questionamentos do que fornecendo mais respostas. Por que temos que pagar por um carma de uma vida passada da qual não nos lembramos? Se o critério para o aperfeiçoamento do carma é a caridade, quem realmente pode fazer com que a balança penda para o bem? Por que a reencarnação é vista com tanta simpatia no ocidente enquanto no oriente ela é vista como uma maldição? Por que, no geral, as pessoas que alegam lembrar de vidas passadas só o fazem sob indução de pessoas que acreditam nisso? Se as reencarnações acumulam conhecimento das vidas passadas, por que somente uma minoria demonstra algum tipo de precocidade e a vasta maioria parece ter que aprender tudo de novo? Se as almas sempre existiram, como explicar o crescimento numérico da população mundial? A explicação de que muitos que estão aqui são almas de alienígenas não é muito convincente.

Além disso, a filosofia oriental ensina que o homem é autosuficiente. Tudo o que precisa está dentro dele mesmo, não em algo ou alguém fora dele. Ele é o responsável final e absoluto do seu próprio destino. Daí a ênfase no aperfeiçoamento do carma.

Se a perfeição é possível, só será atingida pelo esforço contínuo do próprio homem. Isto deveria produzir, no mínimo, pessoas conhecidas pela caridade e pelo aperfeiçoamento moral. Mas é sabido que esse renascimento orientalista nem sempre tem sido acompanhado pela pureza moral. Pelo contrário, drogas, sexo desenfreado, cobiça e crasso materialismo tem caracterizado muito do que se chama Nova Era. É inquietante, também, notar a ênfase e abertura para com as artes ocultas em suas diversas expressões. As experiências positivas são publicadas e louvadas, mas poucos sabem o lado negro do orientalismo em suas formas mais místicas. O medo noturno irreprimível. As vozes fazendo sugestões hediondas e encorajando ao suicídio. As convulsões de transe espiritual. A sensação de paralisia do corpo e da mente.

Enquanto muitos continuam indo para o Oriente, física ou espiritualmente, outros estão voltando de lá num amargo regresso. Aquilo que prometia tão atraentemente trazer a plenitude da realização, só aguçou mais a consciência do vazio.

Fugindo do vazio

Todas as tentativas frustradas de preencher o vazio existencial só deixam o homem mais cínico diante da vida. As alternativas de realização prometeram mais do que podiam cumprir. Ofereceram felicidade e preenchimento, significado e segurança, mas só deixaram um gosto amargo de decepção.

A fuga tem sido a alternativa mais aceita. Fugindo das grandes questões da existência, muitos se lançam na vida, nas drogas, na dança, no divertimento ou numa obsessão pelo dinheiro e pelo poder.

A solução para o vazio existencial parece ser simplesmente viver a vida. É melhor desistir desse esforço quixotesco de buscar

respostas para perguntas impossíveis de serem respondidas. Afinal, quem conhece o suficiente para responder às perguntas que têm resistido à reflexão dos grandes pensadores através dos séculos? É desanimador descobrir que muitos de nossos maiores heróis, aqueles que consideramos os mais sábios e profundos, acabam sendo encontrados numa poça de sangue, com um revólver na mão e uma confissão de desistência da vida. Para quê, então, tanto estudo, tantas pesquisas, tanto tempo gasto? Nossos ídolos artísticos e desportivos, que nos levavam ao êxtase com suas realizações, passam, e, às vezes, seu adeus é dado sob o signo fatal de uma *overdose*. O que sabemos, afinal? Sim, a resposta parece ser reduzir a vida a um mínimo denominador comum. "Comamos e bebamos, que amanhã morreremos." Vamos experimentar o que a vida tem para dar. Comer, beber, praticar esportes normais ou radicais, curtir um som, namorar, ganhar dinheiro, viajar, fazer amigos, arranjar um *hobby*, espreguiçar numa rede, criar um animal de estimação, dançar, e coisas assim.

Por uma boa causa

Alguns, mesmo sem compreender todos os mistérios da existência, são bem práticos. Buscam e lutam por uma boa causa. Aliviam o sofrimento dos pobres. Cuidam de anciãos. Melhoram a qualidade de vida das pessoas. Promovem a ecologia. Sorriem para uma criança. Fazem algo que valha a pena. Estas boas ações são as que, de alguma maneira, não deixam a vida tão negra e triste. E como a história verídica e atual de um ancião muito pobre que, com seus poucos recursos, cultiva terras ociosas, a fim de entregar legumes e verduras para obras de assistência. Num mundo de interesses tão egoístas, um exemplo assim constrange e estimula a se ver a vida de maneira diferente. Contudo, mesmo aque-

les que são altruístas, depois de receber o sorriso de gratidão daqueles que ajudam, ainda sentem a falta de algo.

E quando o tempo implacável e irreversível começa a revelar as suas marcas de enfraquecimento e degeneração, e a perspectiva da morte se torna algo muito mais próximo e real do que era nos anos da juventude, quando o que havia para ser vivido o foi, e quando as pessoas já não se importam mais conosco, o vazio parece crescer, trazendo depressão e tristeza quase insuportáveis.

Religião ou fanatismo?

A maior parte das pessoas acredita em Deus e na vida após a morte. Quando ocorrem acidentes trágicos como a queda de um avião ou uma tempestade assassina, os rostos marcados pela dor sentem-se impelidos a lembrar que existe um Deus no céu. Mas Ele parece tão distante e silencioso... Os santos, para muitos, estão mais próximos dos homens e por isso são capazes de atender às súplicas dos fiéis. O renascimento do sentimento religioso no mundo todo é uma evidência de que o homem precisa e busca algo que transcenda à vida puramente terrena e material. Mas uma boa parte dessa busca é marcada pela insegurança, hesitação e muitas vezes confusão. A fé do povo mescla-se e combina-se numa amálgama de fés, desde o cristianismo tradicional até o exótico e às vezes amedrontador ritual das religiões Afros. O que leva pessoas cultas e de elevada posição social, artistas e desportistas, a consultar os orixás do panteão afro-brasileiro em cerimônias carregadas de misticismo e transe espiritual? Mais ainda, por que os mesmos que na sexta estavam no terreiro, no domingo pela manhã estão na missa? É como se as pessoas estivessem se agarrando a qualquer coisa, como o naufrago se agarra a uma tá-

bua de salvação. A certeza não é possível? A verdade não é absoluta? Ao que parece, cada um prepara a sua fé como se estivesse preparando um prato de comida num restaurante *self-service*.

E o vazio continua lá, no fundo do coração, inquietantemente presente. A presença da ausência como que clamando pela volta do dono da casa. Como um gigantesco e enigmático quebra-cabeça, a vida coloca em cada um de nós a esperança de que existe algo mais, algo que justifique a existência, as lutas, os sonhos. Estabelecemos alvos a serem atingidos, mas, quando chegamos lá, parecem perder o valor e o sentido.

Onde mitigar essa sede, onde saciar essa fome, onde encontrar algo que preencha de fato esse vazio?

Sintomas do Vazio

Apesar de todo o conhecimento adquirido pela medicina, o diagnóstico correto continua sendo um desafio para os médicos. Às vezes os sintomas se apresentam estranhos e enganosos, como que tentando despistar a percepção médica da identificação da doença. A alma humana também apresenta sintomas estranhos, difíceis de explicar.

Depressão

O sentimento de vazio tem provocado problemas cada vez mais presentes e agudos. Um dos mais comuns é a depressão. Caracterizada por momentos de letargia psicológica, falta de motivação para viver, como se de repente tudo perdesse o sentido, a depressão tem preocupado médicos e psiquiatras, e levado muitos pesquisadores a buscar uma solução. Esse problema pode ter causas patológicas, como algum tipo de irregularidade química

do organismo humano. Também pode ser causada por uma crise específica como a perda de um ente querido ou um desastre financeiro. O tipo mais intrigante, entretanto, é aquele que se manifesta em pessoas aparentemente sadias e bem-sucedidas. De repente, o mundo se torna insosso, a profissão fútil, os relacionamentos ilusórios. A depressão surge quando a vida parece um todo harmônico e sólido de realidades, mas mostra-se uma areia movediça de contradições e decepções.

Medo

Um outro problema, fruto do vazio da alma, é o medo. Um dicionário o define como "sentimento de grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma ameaça; susto, pavor, terror. Receio." O medo pode ser sadio quando nos leva a tomar providências necessárias diante de um perigo real. O medo é muitas vezes mais seguro do que a coragem irresponsável. Mas ele também pode se transformar num sentimento irracional e paralisante que mina a iniciativa e a força para viver. Existem ao nosso redor perigos reais como assaltantes ou motoristas imprudentes. O risco de sermos acometidos por uma grave enfermidade é muito real. Não estamos imunes a desastres de qualquer espécie. Todos nós em maior ou menor grau cultivamos o receio de que tais tragédias possam nos sobrevir, o que é uma possibilidade terrível e assustadora. Quando o sentimento de vazio se torna agudo, o medo cresce proporcionalmente. Trata-se de uma sensação inexplicável, mas intensa de receio de enfrentar a vida e pavor diante do futuro desconhecido. Para esse medo não encontramos segurança em apólices de seguro ou alarmes eletrônicos ou guarda-costas. Nós queremos a segurança de viver com sentido, de saber que alguém se importa, de ter a certeza de que o

futuro não é uma caixa de surpresas desagradáveis. Nós queremos ter a garantia da imortalidade.

Solidão

A solidão é mais um problema, muitas vezes não confessado, mas extremamente sentido. Às vezes o mais extrovertido e sociável, aquele privilegiado pela popularidade, sente de forma mais dolorosa a falta de amigos de verdade. Ele é solitário. Não imaginamos quantas pessoas suportam a dor da solidão em silêncio, quando, no final do dia e no silêncio da noite, sentem a falta de alguém. Existem muitas pessoas ao nosso redor, mas quantas se importam com aquilo que somos ou sentimos? Neste mundo de competição somos bem tratados por causa da nossa situação social ou porque somos clientes em potencial. Quantos hoje sofrem e até mesmo cultivam o ódio e a vingança por traições e deslealdades? Quantos desistiram da vida por causa de um relacionamento rompido? Somos seres sociais. Fomos feitos para ter comunhão uns com outros. Essa é a razão porque ao prisioneiro a solitária é o lugar mais terrível da prisão. O completo e prolongado isolamento é, talvez, a pior tortura psicológica que o ser humano possa experimentar. Mesmo quando somos privilegiados com uma família que nos ama e amigos que realmente se preocupam conosco, aquele sentimento de solidão parece persistir. Trata-se de algo mais profundo e exigente, algo pelo que a nossa alma clama como um corpo faminto o faz pelo pedaço de pão. Estamos falando de uma falta de companheirismo que nem mesmo as pessoas que mais nos amam podem suprir. Essa é a pior solidão.

A depressão, o medo e a solidão, entre outros, são sintomas de um problema mais sério, como vimos. Sua raiz jaz na sensação de vazio existencial que, em casos extremos, tem levado pessoas

ao suicídio. Isto explica a razão pela qual o homem, diferentemente dos animais irracionais, é um ser que está em busca. Ele sai pelo mundo afora à procura de algo. Os cientistas não se satisfazem com suas conquistas no conhecimento, nem pelos benefícios que esse conhecimento tem trazido à raça humana. Eles querem mais. Seja no universo microscópico das moléculas, átomos e partículas subatômicas, seja na imensidão do universo cósmico, a busca continua. Como surgiu o universo? De onde vem a vida? Existe vida em outros planetas? Os pesquisadores incansáveis procuram virar cada pedra e entender cada texto descoberto pela "pá" do arqueólogo em busca de respostas. Homens e mulheres viajam para o Oriente em busca da iluminação espiritual e procuram explorar o desconhecido universo da alma humana. Pessoas nas grandes cidades visitam igrejas, fazem cursos para o autocohecimento, dançam ao som africano dos atabaques nos terreiros, em busca de algo mais. E cada vez mais comum encontrar pessoas que fizeram uma peregrinação de busca religiosa e filosófica, tentando experimentar cada religião, cada seita, cada filosofia, como alguém que bate de porta em porta almejando encontrar aquela que abra os mistérios da vida, do universo e finalmente sacia a fome da alma. Essa insatisfação e essa busca incessante denunciam o vazio da alma.

Preenchendo o vazio da alma

Para onde ir? Em que acreditar? Onde encontrar realização? Houve alguém na história que afirmou ser a resposta. Ele disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida." Somos inclinados a rejeitar de imediato alguém capaz de fazer uma afirmação desse tipo. Que megalomaniaco teria a ousadia de apontar para si, e alegar ser o caminho, a verdade e a vida? Um manicômio seria um lugar

apropriado para pessoas que abrigam tais alucinações de grandeza. Certamente nenhum homem normal se exporia ao ridículo de se apresentar como a solução final dos problemas que têm atormentado a raça humana desde os seus primórdios. Mesmo as maiores mentes humildemente reconheceram suas limitações diante dos mistérios abismais que ainda insistem em se ocultar por trás das densas e negras cortinas de nossa ignorância. Contudo, um homem se apresentou no palco da história da humanidade, exteriormente sem pompa ou luxo ou reconhecimento acadêmico, alegando ser a única maneira das pessoas descobrirem o sentido da vida. Podemos até sentir pena de alguém tão tristemente iludido. "Não vou gastar meu precioso tempo ouvindo boboseiras", dizemos. "Como se não faltassem fanáticos neste mundo, agora mais um!" Entretanto, ficamos atônitos e chocados quando sabemos quem fez tal afirmação: Jesus Cristo.

Jesus, o rejeitado

Alguns mais corajosos olham com desdém para o carpinteiro de Nazaré e chamam-no de impostor e aproveitador da fé ingênua dos camponeses e pescadores da época. Outros chegam até mesmo a negar que tenha existido na história tal homem com o nome de Jesus de Nazaré. Para estes, a figura desse mestre religioso dotado de poderes miraculosos e compaixão pelos sofredores é fruto da imaginação piedosa de utopistas religiosos. Criaram o mito do homem de Deus ideal. Atualmente, diante de fatos históricos repetidamente comprovados, entretanto, nenhum erudito respeitável defende a tese do Jesus-lenda. Jesus é um dos fatos históricos mais comprovados da história antiga.

Jesus, o incompreendido

Pessoas dos mais diversos credos e posições filosóficas, contudo, olham para a pessoa de Jesus com grande admiração e respeito. Para alguns ele é o homem perfeito, o padrão de bondade e de justiça. Outros o veem como o modelo de um revolucionário comprometido com a causa dos oprimidos. Os místicos encontram nele um iluminado. O espírito do Cristo cósmico reencarnou-se no corpo do judeu Jesus. No terreiro Jesus é um dos orixás mais poderosos. O impressionante, em tudo isto, é que poucos levam a sério aquilo que o próprio Jesus reivindicou a seu respeito. A imagem de Jesus como o exemplo de um grande homem é manipulada e distorcida para que se encaixe aos sistemas criados pelos homens. Todos querem ter Jesus do seu lado. Afinal, uma causa tem grande chance de avançar se Jesus é a favor dela. Mas o Jesus da história, aquele descrito nos evangelhos, não aceita qualquer camisa de força ideológica, ele está acima das filosofias e religiões dos homens.

O Jesus real

O melhor caminho para escaparmos do Jesus-mito, reinterpretado para satisfazer as conveniências e interesses de tantos grupos, é voltarmos à origem. Onde encontramos os primeiros relatos da pessoa e obra de Jesus? Nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Houve um tempo que estava na moda dizer, juntamente com muitos estudiosos do Novo Testamento, que o Jesus dos evangelhos foi manipulado por seus próprios escritores e que, o que lemos, deve ser filtrado por critérios rígidos, despidendo o Jesus real de todos os acréscimos históricos e teológicos que lhe foram impostos. Alguns chegaram a afirmar ser impossível saber quem foi Jesus de Nazaré. A credice fanática de seus seguidores distorceu a tal ponto os fatos que só podemos saber o

que a igreja primitiva cria a respeito de Jesus, e não quem ele realmente foi. Se isso é verdade, a reivindicação do próprio Jesus de ser "o caminho, a verdade e a vida" não passam de pura invenção, e seria tolice depositar nossa esperança de preencher o vazio existencial com algo assim tão espúrio.

Hoje, entretanto, poucos eruditos conseguem negar que senão no todo, mas pelo menos em boa parte, o Novo Testamento é historicamente digno de confiança. Os eruditos conservadores vão mais longe: o Novo Testamento é completamente fiel aos acontecimentos. Muitos reconhecem que a "febre" do Cristo da fé da igreja primitiva, foi promovida com base em pressupostos anti-sobrenaturalistas e literários, com pouco interesse pela história e arqueologia. Foram exatamente os documentos antigos e a pá dos arqueólogos que, vez após vez, confirmaram como históricos os registros do Novo Testamento.

Muitos, mesmo aceitando o ensino de Jesus, acham impossível aceitar seus milagres como verídicos. Água transformada em vinho, pães e peixes multiplicados, cegos e paralíticos curados, Jesus andando sobre a água e acalmando a tempestade pela voz, parecem ser fantásticos demais para merecerem a nossa consideração, quanto mais o nosso crédito. A filosofia do "milagres não acontecem" tem sido reavaliada por muitos pensadores. Mas, se acreditamos em Jesus, que ele declarou ser o próprio Filho de Deus, que é um milagre para Alguém Todo-Poderoso?

Jesus, o indispensável

O fato é que não conseguimos "dispensar" Jesus. Sua pessoa atrai nossa atenção e inspira nossa admiração. Há algo nele especial. Como observou Watson, "Ninguém ainda descobriu uma palavra que Jesus deveria ter dito, nem sugeriu uma palavra melhor

que poderia ter dito. Nada do que ele fez choca nosso senso moral. Nenhum dos seus atos ficou aquém do ideal. Ele é cheio de surpresas, mas todas elas são surpresas de perfeição. Você nunca fica num dia maravilhado por sua grandeza para no próximo ficar decepcionado com sua pequenez. Você fica impressionado de fato porque ele é incomparavelmente melhor do que você poderia ter esperado. Ele é terno sem ser fraco, forte sem ser rude, santo sem ser servil. Ele tem convicção sem intolerância, entusiasmo sem fanatismo, santidade sem farisaísmo, paixão sem preconceito. Só este homem nunca deu um passo em falso, nunca tocou uma nota desafinada. Somente sua vida se movia naqueles elevados níveis onde as limitações locais são transcendidas e a absoluta Lei da Beleza Moral prevalece. Era vida no seu padrão mais elevado." (Cit. em *Reasons for Faith*, pp. 80,81). Jesus Cristo é o homem perfeito.

Mas, por que razão, então, tantas pessoas o odiavam e ainda o odeiam? O que existe em Jesus Cristo capaz de acender a ira de governantes, líderes religiosos e do próprio povo? Por que crucificaram Jesus? A razão é simples. Aos olhos de muitos, ele fora longe demais: reivindicou ser o próprio Deus encarnado. Entre outras coisas, afirmou existir desde toda eternidade, afirmou ser o Filho eterno de Deus, afirmou ter autoridade para julgar toda a raça humana, afirmou ser o Messias prometido, afirmou ser o grande EU SOU.

Agora nos vemos diante de um grande dilema: Se Jesus está mentindo, ele não é o homem perfeito. Se está dizendo a verdade, ele é digno não somente do nosso respeito, mas de nossa absoluta rendição e adoração. Somos colocados diante do mesmo dilema experimentado pelos que viram e ouviram Jesus. Por um lado,

seu amor e compaixão ilimitados derretiam os corações mais empedernidos. Por outro lado, Ele fazia afirmações tão radicais que muitos não conseguiam aceitar. Afastavam-se desiludidos. O Mestre exigia demais, muito além do que seus admiradores estavam dispostos a assumir. Era muito bom testemunhar a cura de enfermos ou a libertação de pessoas oprimidas. Mas o Mestre dizia ser o próprio Filho de Deus e o único meio de salvação. Os líderes religiosos do povo eram chamados de hipócritas, os costumes arraigados por séculos eram questionados, as convicções religiosas desafiadas. Enquanto o povo esperava um Messias político e guerreiro, tinha diante de si um homem de origem simples que pregava o amor e o perdão. Enquanto o povo acreditava que o ser judeu e guardar os costumes religiosos garantia a salvação, Jesus dizia ser necessário ao homem nascer de novo. Enquanto o pecado era visto somente na sua prática exterior, Jesus o colocou nas intenções e motivações do coração. Mas um dos aspectos mais chocantes do ensino de Cristo tinha a ver com sua crucificação. Diante do olhar perplexo dos seus discípulos, Jesus declarou que viera para morrer e que sua morte não era um acidente ou fatalidade, mas parte de um plano estabelecido por Deus desde toda a eternidade. Os olhos de Jesus desde o princípio estavam fixos no Calvário porque morrer seria sua missão.

Talvez aqui esteja um dos maiores equívocos da história a respeito daquilo que Jesus ensinou. Muitos dizem que Jesus simplesmente ensinou o amor a Deus e amor ao próximo. Inclusive a cruz é interpretada como um exemplo a ser seguido no caminho do amor sacrificial. Sim, é isto. Mas muito mais do que isto.

Jesus e o problema humano

Jesus disse que veio para dar a sua vida em resgate de muitos.

Para Ele, o homem não precisa somente de inspiração, precisa de redenção. O problema do homem é muito mais grave do que simples deslizes e falhas. Há um câncer espiritual no próprio cerne da personalidade humana, cuja destruição se alastra atingindo a pessoa, a família e a própria sociedade. Jesus sabia que a ganância e hipocrisia dos religiosos de sua época, a crueldade e devassidão de seus governantes, os vícios e podridão moral do povo, tinham suas raízes num problema mais profundo chamado pecado. Esta palavra, muitas vezes desdenhada, sintetiza o problema humano. Os muitos afluentes poluídos e malcheirosos da injustiça, corrupção, imoralidade, violência, traição, vícios, ódio, desconfiança, ganância, mentira, infidelidade, roubo, formam esse rio caudaloso e destruidor chamado pecado.

Jesus não o ignorou, como muitos de nós fazemos hoje. As "explicações" psicológicas tentaram aliviar nossas consciências chamando o mal de doença. Afinal, ninguém precisa pedir desculpas ou pedir perdão porque está doente. Estamos vivendo uma tragicomédia onde cada um tenta jogar a bomba da sua culpa nas mãos dos outros, dizendo: "Não fui eu".

Culpa ou sentimento de culpa?

Pecado não é somente a violação de alguma lei decretada por legisladores dentro de uma câmara ou pelos padrões estabelecidos pelo sistema ou pela tradição. Aliás, Jesus deixou claro que, às vezes, obedecer à tradição ou ao sistema pode ser errado, muito errado. O pecado é a transgressão das leis de Deus. Existe

um código do certo e errado implantado em cada ser humano, cuja violação produz não somente um sentimento de culpa, mas o fato da culpa. Um criminoso pode assassinar alguém sem sentir o menor peso de consciência. Isto, entretanto, não o livrará da culpa diante da justiça, se for preso. Ele terá que pagar pelo que fez.

Enquanto o materialista se conforma com a extinção da sua existência e, portanto, da sua culpa, o reencarnacionista lida com esse problema de outra maneira. A purificação acontece através de um lento mas inevitável processo de evolução moral através de diversas existências. Nesse esquema, não existe perdão, somente pagamento. O sofrimento juntamente com o esforço das boas obras promete uma existência futura melhor, aperfeiçoada. Para todos os efeitos práticos, não devemos nos preocupar demais com a culpa que carregamos nas costas. Mais cedo ou mais tarde, quitaremos tudo o que devemos à lei universal do carma. Essa ideia, tão aclamada como a resposta mais lógica para o problema humano, apresenta um problema: e se não houver outras existências? E se a morte for o único portal para um julgamento final?

Se hoje fôssemos intimados a nos apresentar diante do tribunal de Deus e fôssemos acusados de alta traição ao governante do Universo, qual seria a nossa defesa? Que argumentos poderíamos apresentar ao Juiz de toda a terra como provas irrefutáveis de nossa inocência? Poderíamos alegar ignorância? Insanidade? Constrangimento? Ainda que tentemos atenuar a gravidade de nossos erros com eufemismos, é evidente a inescapável realidade de que, muitas vezes, e de muitas maneiras, optamos consciente e voluntariamente pelo que sabíamos ser errado.

A culpa cria um abismo que impossibilita aproximarmo-nos

do nosso Criador. O vazio de viver nada mais é do que o vazio de Deus. Não fomos criados para a orfandade espiritual. Somos muito mais do que máquinas ou acidentes cósmicos. Em tudo aquilo que encontramos de nobre no ser humano, vislumbramos reflexos dAquele que nos trouxe à existência. A capacidade de sentir, amar, perceber o belo, esculpir, compor músicas, inventar maravilhas da tecnologia, alimentar o faminto, retribuir um sorriso, vencer desafios, curar o doente, enfim, a capacidade de viver como pessoas, procede do Autor e Maestro da sinfonia da vida. Sem Ele, todas as coisas mais belas, apesar de todo o seu potencial de beleza e harmonia, são distorcidas com o desafino desagradável da mentira, do ódio, da violência, da dor, da ganância, do egoísmo. O vazio de viver deixa de existir quando nos encontramos com Aquele por quem e para quem existimos.

Transpondo o abismo para uma nova vida

A culpa é uma realidade que nos separa da fonte da vida e aniquila qualquer possibilidade de merecermos o amor de Deus.

Os evangelhos nos relatam como Jesus reagiu a alguém que acreditava preencher as condições de Deus. Um homem rico e religioso aproximou-se de Jesus e perguntou: "Senhor, o que devo fazer para herdar a vida eterna?" Esta é a pergunta que muitos ainda estão fazendo. A resposta de Jesus era previsível: "Guarda os mandamentos". Seu inquiridor deve ter olhado para dentro de si cheio de esperança. "Tenho guardado os mandamentos desde a minha juventude". "Então", disse Jesus, "vai, vende tudo que tens e dá-o aos pobres. Depois vem e segue-me". Havia algo que

aquele homem amava mais do que a Deus: o seu dinheiro. Não podia abrir mão de sua fortuna, nem mesmo para ganhar a vida eterna. Afastou-se triste, deixando Jesus para trás. O Mestre estava pedindo demais. Jesus, voltando-se aos seus discípulos, declarou: "É mais fácil passar o camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino dos céus". Os discípulos, espantados, perguntaram: "Sendo assim, Senhor, quem pode ser salvo?" A resposta de Jesus foi inesperada. "Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus". O homem não tem poder em si mesmo para agradar a Deus. Só um milagre da onipotência de Deus pode transformar um coração humano.

Deus promete mais do que um empurrãozinho, ele promete um novo coração, uma nova vida. Como disse Paulo: "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura, as coisas antigas já passaram, eis que tudo se fez novo" (2Co 5:17). Quem escreveu estas palavras podia falar por experiência própria. Saulo, também chamado Paulo, era um zeloso fariseu que percebeu na pregação dos seguidores de Jesus uma ameaça à sua fé judaica. Com a cooperação das autoridades, encetou violenta e implacável perseguição aos chamados "do Caminho". Seu ódio se mesclava ao seu zelo pela religião, cegando-o para a real identidade de Jesus de Nazaré. Quando se dirigia a Damasco, cidade ao noroeste de Jerusalém e capital da Síria, uma luz mais forte que o sol ao meio-dia brilhou sobre ele, deixando-o cego. "Quem és tu, Senhor?" A voz disse: "Eu sou Jesus a quem tu persegues". Seu olhos físicos não podiam ver, mas os olhos do seu coração viam mais do que nunca, viam a realidade de que a salvação não estava nos esforços de sua religião, mas no encontro com o Messias de Israel. De perseguidor, tornou-se perseguido. De inimigo, tornou-se um dos mais poderosos promotores da fé recém-descoberta.

É possível começar uma nova vida. Há Alguém poderoso o suficiente para invadir o nosso coração e infundir nele uma alegria jamais sentida, uma paz indescritível, um sentimento de plenitude. Pense num cego que voltou a ver, num paralítico que agora anda, num morto que ressuscitou. Assim é aquele que se encontrou com a Vida com "V" maiúsculo. "Eu sou a vida". Jesus, através do seu sacrifício, abriu o caminho para a nossa reconciliação com Deus. Sobre o abismo da nossa culpa, que nos separava do nosso Criador, Jesus se tornou a ponte através de quem temos acesso ao coração de Deus. "O castigo que nos traz a paz estava sobre ele" (Isaías 53:5). Ele foi punido em lugar de culpados, assumindo um castigo que não era dele. Esta é a mensagem de Cristo para a humanidade. Se ninguém obedece perfeitamente a Deus, quem pode merecer a salvação? Mas de graça Deus nos oferece a salvação através do Seu Filho que Ele mesmo enviou.

Caro leitor, aquilo que digo, afirmo com convicção e emoção. Jesus é o caminho, a verdade e a vida (cf. João 14:6). Ele está vivo. E o mesmo poder que o levantou dentre os mortos é aquele que pode preencher seu vazio de viver.

Muitos argumentos poderiam ser usados, mas somente Deus é capaz de dar ao seu coração a convicção de que Jesus fala a verdade. Por essa razão, sugiro que você se dirija pessoalmente a Deus. Ainda que seja estranho, fale com Ele. Diga-lhe o quanto deseja conhecer a verdade, o quanto anela viver uma vida plena de significado, o quanto aspira por experimentar o amor do seu Criador. Fale a Ele sobre Jesus e peça para compreender como a fé nele pode ser o caminho para Deus. Diga a Deus que você está arrependido por tudo aquilo que fez de errado e por tudo aquilo que deixou de fazer, sabendo que era certo. Confesse-lhe sua ingratidão e incredulidade e orgulho. E diga-lhe que deseja uma

nova vida com Ele. O próprio Jesus disse: "Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora" (João 6:37). Em outro lugar, Jesus convida: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para vossas almas. Porque o meu jugo é suave e meu fardo é leve" (Mateus 11:28-30). Jesus explica porque veio a este mundo: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (João 10:10).

Tais palavras não são promessas vazias feitas por um fanático iludido, mas pelo Filho de Deus que, após ter entregue a sua vida na cruz em resgate de muitos, ressuscitou e está tão presente na história como quando andou pelas estradas poeirentas da Palestina. Apesar de inacessível aos olhos humanos, está acessível aos olhos da fé. Como disse seu discípulo Pedro: "A quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória" (1 Pedro 1:8). Foi esta certeza a força dos mártires diante da tortura e da morte.

Somente sua presença pode explicar de forma convincente a transformação de incontáveis vidas ao redor do mundo. Operários e patrões, garis e empresários, analfabetos e doutores, pobres e ricos, homens e mulheres, crianças e adultos, não se envergonham em afirmar que tiveram um encontro pessoal com Jesus Cristo. Suas vidas nunca mais foram as mesmas. Os vícios foram abandonados. Famílias foram reconstruídas. Suicídios foram abortados. Uma nova vida, não sem problemas, mas plena de paz, alegria e esperança assumiu o lugar de uma existência sem sentido. Todos estes fazem suas as palavras do apóstolo Paulo: "E assim, se alguém está em Cristo (isto é, uniu-se a ele pela fé) é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Coríntios 5:17).

Permita-me contar-lhe algo pessoal. Aos quinze anos de idade, gastava meu tempo lendo filosofia oriental e frequentando festas. A companhia dos amigos e o divertimento pareciam simplificar a vida, aparentemente afastando qualquer preocupação com questões mais sérias. Mas, ao chegar em casa, com a cabeça e o estômago girando, o peso de algo sem nome descia sobre mim como um feroz inimigo que me fazia lembrar que a vida pede mais do que simples diversão. No silêncio da madrugada, a presença do vazio se fazia sentir como um visitante desagradável e obstinado. "Isso é tudo?" "Existe sentido na vida?" "Por que você simplesmente não termina com essa piada sem graça que é a sua vida?"

Foi minha professora da antiga matéria de Educação Moral e Física que me convidou para ir àquele acampamento de jovens. Para mim parecia uma ótima oportunidade de diversão. Ao chegar lá, entretanto, descobri que aquilo era um tipo de acampamento religioso. Havia brincadeiras sim, mas também havia estudos a respeito de Jesus, do significado de sua morte e do preço de segui-lo. De repente, algo aconteceu dentro de mim. Sem compreender completamente o que tudo aquilo significava, mas compelido por Alguém mais forte do que eu, entreguei-me a Jesus como meu Salvador e Senhor. Voltei daquele acampamento com um estranho sentimento no peito: algo muito importante havia ocorrido em minha vida. Pouco a pouco fui compreendendo que Jesus ainda está vivo e que foi Ele mesmo quem interveio trazendo ao meu coração aquilo que eu mais almejava: sentido para viver. Ele preencheu o vazio da minha alma. E desde então, cada novo dia torna-se uma emocionante aventura de se conhecer mais a Deus e uma antecipação do dia em que estarei com Ele para sempre.

Prezado leitor, que Deus se agrade em fazer uso destas palavras para fazer brilhar em sua vida a mesma luz que tem dispersado a escuridão da alma de incontáveis seres humanos ao redor do mundo, vidas que hoje se alegram com a presença dAquele que é a ressurreição e a vida.

"Se, com tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Romanos 10:9).

PREENCHENDO O VAZIO DA ALMA

Por que esse sentimento de vazio?

Por que, tantas vezes, a vida parece não fazer sentido?

Por que nada parece preencher o vazio da alma?

Como enfrentar a depressão, o medo, a solidão?

Este livreto traz uma mensagem de esperança, a mesma mensagem que tem transformado a vida de milhões ao redor do mundo.

A mesma mensagem que pode transformar a sua vida!

O prof. Jorge Noda é autor de "Crescendo no Conhecimento de Deus", "Somos Deuses?" e "O que Fazer quando as Coisas dão Errado".